

BUDDHADEVA BOSE

Meu tipo de garota

Tradução

Isa Mara Lando



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © by Espólio de Buddhadeva Bose
Copyright da tradução para o inglês © 2009 by Arunava Sinha
Publicado originalmente em Bengali em 1951;
primeira tradução para o inglês publicada em 2009

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Moner Mato Meyer (traduzido do inglês *My kind of girl*)

Capa

Mariana Newlands

Preparação

Maria Cecília Caropreso

Revisão

Huendel Viana

Márcia Moura

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bose, Buddhadeva

Meu tipo de garota / Buddhadeva Bose ; tradução Isa Mara Lando. — São Paulo : Companhia das Letras, 2011.

Título original : Moner mato meyer.

ISBN 978-85-359-1791-8

1. Ficção indiana (Inglês) I. Título.

10-13661

CDD-813.6

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura indiana em inglês 813.6

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

Sumário

1. A triste história de Makhanlal, 18
2. A história de Gagan Baran, 49
3. O casamento do dr. Abani, 70
4. O monólogo do escritor, 105

Noite de dezembro, frio cortante. Quatro passageiros sentados em silêncio na sala de espera da primeira classe da estação ferroviária de Tundla. Os quatro cobertos da cabeça aos pés, ocultos por seus casacões; mas mesmo na luz fraca daquela sala nua, sem paixões, construída e decorada estritamente de acordo com as especificações do Departamento Ferroviário, era óbvio que se tratava de indivíduos muito diferentes, vindos de diferentes nichos da sociedade.

O reclinado na espreguiçadeira tinha um corpo enorme, poderoso, quase indecente — como se fosse um gigantesco animal, o tipo do sujeito em quem as roupas e os sapatos já não servem mais aos dezesseis anos, para espanto dos pais. O rosto também era enorme, quase do tamanho de uma jaca, meio alongado, e na vasta área das faces as sementes da barba da manhã seguinte — talvez devido aos poros inchados de frio — já brotavam como pontinhos azuis.

O segundo era um homem bem-proporcionado, de aparência agradável, elegante, bem cuidado, imaculado em seu traje ocidental completo, com luvas, bengala e chapéu-coco. O rosto redondo, gordinho, tinha uma expressão grave, e a cor da pele exatamente daquele tom moreno que torna os homens bonitos ainda mais bonitos; o cabelo, embora abundante e negro, traía ocasionais relances prateados. Os lábios não eram nem muito cheios nem muito finos, mas bem desenhados, do tipo habituado a comandar com poucas palavras. Quem quer que pusesse os olhos nele veria que as regras nunca eram desobedecidas na sua vida disciplinada, previsível, e que ele nunca precisava levantar a voz.

Essa autoridade natural na maneira como ocupava a cadeira da sala de espera, pernas cruzadas com elegância, essa aparência nobre e majestosa, também era visível no terceiro homem. Este era mais corpulento, de aspecto antiquado, aristocrático: o cabelo repartido ao meio, as faces coradas, com um bigode insolente que lhe caía perfeitamente bem.

Mas o quarto: esse era a antítese de toda essa elegância. Magrinho, miúdo, sentava-se a um canto, com os pés em cima de uma cadeira — embora houvesse outra espreguiçadeira disponível —, mas não havia repouso algum na maneira como se reclinava. Agitava-se e remexia-se sem parar, parecendo incapaz de encontrar uma posição confortável, e até quando fechava os olhos lhe surgiam vincos na testa, como se estivesse pensando em algo importante, e como se a volatilidade do pensamento fosse um hábito seu. À primeira vista parecia muito jovem; talvez fosse o mais jovem dos quatro, mas

quando a luz lhe batia na metade inferior do rosto, já não se poderia confundi-lo com um jovem.

Esses quatro viajantes já tinham se encontrado naquele dia: nos jardins do Taj Mahal, nos degraus de Sikandra, e mais uma vez ao deixarem Agra. Havia conversado no mesmo compartimento do trem. As conversas tinham revelado que o grandão corpulento era um empreiteiro; fora a Delhi receber uma encomenda do governo, visitara Agra na volta e desejava parar também em Varanasi. O segundo era um velho burocrata de Delhi, que ocupava um posto militar muito elevado e de confiança, a caminho de Allahabad a fim de realizar um serviço vital para o governo; depois disso seguiria para Lucknow. O terceiro era um dos mais conhecidos médicos de Calcutá, o dr. Dhar; depois de proferir uma palestra sobre difteria em um congresso médico em Delhi, voltava agora para cuidar dos seus pacientes. E o quarto se encontrava nessa região da Índia simplesmente de férias; ainda não decidira se voltaria direto a Calcutá ou se faria uma parada em algum lugar do caminho. Sua profissão também não era clara; disse que escrevia livros, mas será que isso conta como profissão? De toda forma, era bem claro que estava envolvido com livros, pois quando a conversa terminou, o enorme volume que abriu parecia, na forma e na aparência — assim sentiram os outros três —, totalmente inadequado para uma leitura casual em um trem. Não se sabia sequer se um livro tão volumoso era possível de ser lido.

Uma má notícia chegara a Tundla. Um trem de carga tinha descarrilhado perto de Aligarh, e todos os trens estavam parados. Por quanto tempo? Bem, demoraria

pelo menos quatro ou cinco horas até que os trilhos fossem desimpedidos. Em outras palavras, nenhuma esperança para esta noite? Assim parecia. O burocrata tinha um trabalho importante a fazer, havia pesquisado datas e horários de aviões — o primeiro voo saía às nove e meia da manhã, e seria possível tomar um trem de volta a Agra em pouco tempo. O médico tentava aceitar a situação de maneira filosófica, mas o empreiteiro não parava de suspirar e murmurar: “Tão frio!... E essa agora!” — apesar de seu físico e suas roupas oferecerem um isolamento admirável contra a queda da temperatura. Mas o cavalheiro livresco, o magrinho, sentia muito frio; esfregava as mãos, caminhava para lá e para cá, depois virou-se para informar os outros três, desnecessariamente, que não havia escolha senão passar a noite na sala de espera.

Os quatro homens tinham acabado de se instalar com suas bagagens, e ninguém falava; todos se concentravam em enfrentar a difícil situação. Cada minuto parecia demorar muito a passar, e ainda tinham pela frente uma longa noite de inverno.

O empreiteiro se remexeu na cadeira e perguntou: “Que horas são?”. Usava relógio de pulso, mas dirigiu a pergunta aos outros, fosse por preguiça ou como pretexto para puxar conversa.

O burocrata respondeu: “Meia-noite e trinta e cinco”.

Trinta e cinco! Já tinham matado pelo menos meia hora desde que desceram do trem! O empreiteiro encontrou outra pergunta.

“Será que existe algum esquema para se dormir por aqui?”

“No chão?”, perguntou alguém, incrédulo.

O empreiteiro não tinha nada contra dormir no chão, mas aceitando que os outros talvez tivessem padrões de conforto mais elevados, continuou:

“Será que não há uma sala de descanso por aqui?”

“Não.”

Em geral é difícil progredir em uma conversa depois de respostas tão monossilábicas, mas as pessoas gordas são sociáveis e gregárias; mais palavras surgiram das profundezas da espreguiçadeira.

“Pelo menos nós temos cadeiras para sentar. Pensem nos outros passageiros.”

Ninguém disse nada, mas, como que em resposta, as portas de correr na sala de espera se abriram; de imediato o ar frio encheu a sala. Os quatro passageiros voltaram o olhar para a porta — até o homem dos livros, que parecia tão infeliz, deitado de lado, de olhos fechados.

E sob o escrutínio daqueles quatro pares de olhos, os que tinham feito a porta se abrir ali se detiveram. Era um casal. O rapaz segurava a porta entreaberta; não estava bem visível, mas havia indícios de um rosto, a pele avermelhada de frio, um pulôver marrom tricotado a mão e uma calça de tecido barato. A seu lado uma moça — quase se aninhando a ele, ainda mais obscurecida. Mal se podia vê-la: apenas um lampejo de cabelo negro, uma orgulhosa risca escarlata no meio da testa, indicando ser casada, o pescoço suave e jovem, a luz branca lhe batendo de lado no rosto. Os dois pararam ali por apenas alguns momentos, disseram alguma coisa baixinho, viraram-se e se foram — a sensação, porém, foi de

uma lufada de ar quente entrando naquela sala de espera hibernal. Sem dúvida eram recém-casados, talvez de alguns meses, talvez um ano, mas estavam perdidos — ainda — em seu amor um pelo outro. Aquela leve pausa à porta; as palavras suaves trocadas, ou talvez não trocadas, depois a retirada; com tudo isso deixaram bem claro aos quatro homens de meia-idade que ainda eram habitantes do paraíso, que enquanto tivessem um ao outro não queriam mais nada, mais ninguém.

A porta se fechou outra vez e tudo que restou foi a pobre e miserável sala de espera, fria e sem coração, e quatro homens de meia-idade profundamente aborrecidos porque o trem não vinha, infelizes com o desconforto e o sono atrasado.

Mais uma vez o primeiro a falar foi o gordinho gregário.

“Por que eles não entraram?”

“Não pareciam passageiros de primeira classe”, disse o médico.

“Não, não foi por causa disso”, disse o amante dos livros lá do seu canto, de cenho franzido, falando pela primeira vez desde que tinha entrado na sala de espera. “Não foi por isso. Eles deram meia-volta quando nos viram.”

Um leve sorriso apareceu no rosto liso do burocrata. “Percebo. Lua de mel. Apaixonados. Bem, pelo menos esta noite eles não serão felizes.”

“De jeito nenhum!”, respondeu o escritor, displicente. “Eles vão encontrar algum cantinho discreto, acolhedor, e vão ser felizes. Eles não querem nada mais, querem apenas privacidade.”

“Essa fase da vida é tão especial!” O burocrata tinha um ar grave ao terminar a afirmação. Abrindo uma cigareira, parecia ter o pensamento longe.

O empreiteiro suspirou: “Mas que frio!”. Depois de um instante disse ao magrinho do canto: “Com privacidade ou não, será que eles não vão sentir frio? Nós podíamos ter convidado os dois a entrar”.

“Eles não entrariam, nem que convidássemos.”

O médico sorriu e disse: “Então, talvez, em honra dos recém-casados, nós poderíamos...”.

“O quê? Deixar a sala de espera para eles?” O magricela dos livros levantou-se. Franzino mas rijo e firme, parecendo um operário, agitando-se como um pássaro de olhos tímidos porém inquietos, não olhou diretamente para os outros. Sem dizer mais nada, foi até a porta, depois voltou e sentou-se na cadeira mais próxima.

“Creio que estamos nos preocupando demais com os recém-casados”, observou o burocrata de Delhi, oferecendo a cigareira aos outros.

“Não, obrigado”, disse o médico. Os outros três aceitaram, acenderam seus cigarros e por algum tempo ficaram envoltos em fumaça. Levaram um pequeno susto quando a porta se abriu de novo. Um porteiro uniformizado entrou para perguntar se os cavalheiros desejavam alguma coisa; o bar já ia fechar.

Com a aprovação de todos, o burocrata pediu café.

Silêncio outra vez. Enquanto tudo isso acontecia, havia sons do lado de fora, gente caminhando, chamando. Antes não se percebia, mas assim que o barulho diminuiu tudo ficou silencioso demais, estranhamente silencioso para uma estação ferroviária tão grande. Agora

os outros passageiros já deviam ter se acomodado para dormir em algum lugar, onde eles pudessem — e o casalzinho também devia ter encontrado um lugar, com certeza; não voltariam à sala de espera.

A ferrovia continuava fechada; nenhum trem chegaria mais naquela noite, nenhuma sineta tocaria. Sem os carregadores, os vendedores de doces ou de cigarros, o movimento tinha cessado. O ar estava gelado. Sob a luz fraca da sala de espera, essas quatro pessoas que nem sequer se conheciam, tendo a sutil fumaça azul de seus cigarros como única companheira, sentiam como se o mundo lá fora tivesse desaparecido e eles tivessem encontrado abrigo em uma ilha nada acolhedora, sem conforto algum. Não pareciam mais desconhecidos um para o outro; na verdade, havia até a sensação de que os quatro deviam estar pensando a mesma coisa. Aquel casal, apenas um breve vislumbre na porta, antes de desaparecer deixara algo atrás de si, como se o pássaro da juventude tivesse soltado algumas penas ao passar voando: algum sinal, algum calor, algum prazer, mágoa ou tremor que se recusava a se dissipar, algo com que esses quatro indivíduos — embora não falassem disso, embora só pensassem nisso em silêncio — pudessem sobreviver a essa noite gélida e tenebrosa.

De súbito o médico disse: “Talvez tenha sido falta de educação nossa”.

“Continua pensando neles?” O homem de Delhi riu, mas ficou óbvio, pela sua atitude, que ele também não tinha se esquecido deles.

“Eu estava pensando — pensando em outra coisa: quanto tempo será que isso vai durar para eles?”

Agora o homem de Delhi riu alto. “E isso é coisa que se pergunte? Pois todos nós já não sabemos a resposta?”

“Depois todos nós sabemos”, disse o magricela dos livros, “mas no momento em que se vive isso ninguém sabe. Por exemplo, será que esses dois conseguem ao menos imaginar como é breve tudo isso? Será que imaginam que não vão continuar desse jeito por muito mais tempo? Essa é a parte mais espantosa dessa espantosa ilusão.”

“Espantosa ilusão! Muito bem colocado!” O empreiteiro aprovou com a cabeça.

O café chegou.

“Nesse caso, será que tudo é uma ilusão?” Uma sombra de preocupação baixou sobre o enorme rosto do empreiteiro.

“Pelo menos este café não é ilusão. A fumaça é palpável. Açúcar para você?” O médico, sempre elegante, se ocupava em servir o café.

A aguda curiosidade do empreiteiro superou o langor; ele abandonou sua espreguiçadeira e, puxando uma cadeira para perto dos outros dois, pôs as mãos sobre a mesa gelada, inclinou-se para a frente e disse ao amante dos livros: “Então, será que tudo é ilusão? Nada permanece? Você que é escritor, por que não conta para nós?”.

O magrinho pareceu envergonhado de receber assim o título de escritor, mas não demorou a responder.

“A memória permanece. Por fim apenas as lembranças permanecem, e nada mais.”

“E qual é o valor da memória?”

“Nenhum!”, anunciou alegremente o homem de

Delhi. “Ela corrói o trabalho, desperdiça o tempo, deixa a gente triste. Venham, vamos tomar nosso café.”

Mas o empreiteiro insistiu: “E a lembrança da felicidade que passou — é feliz ou é triste?”.

Um sorriso de zombaria surgiu nos lábios do homem de Delhi. “Não adianta pensar nisso, mas se você nos contasse uma história, o tempo seria bem empregado.”

“Uma história?! Sobre o quê?”

“Ora, nós todos aqui somos velhos, somos homens, não há damas presentes — quer dizer, falar abertamente não será indecente, não é verdade?”

“Aonde você quer chegar?” O empreiteiro gordo parecia apreensivo.

“Ele está dizendo”, explicou o doutor, “que nós também tivemos o nosso tempo, assim como esse casal está tendo agora...”

“Eu não tive”, protestou o empreiteiro, e de imediato seu rosto sombreado pela barba noturna se ruborizou, mortificado.

“Você também”, disse o escritor. “Não existe ninguém que nunca tenha gostado de alguém. O que aconteceu depois não importa; o que importa é o gostar. Talvez seja a memória também o que importa. Alguma lembrança...”

“Eu não tenho nenhuma!”, protestou o empreiteiro em voz alta, abanando a mão. “Vou só ouvir as histórias de vocês.”

“Muito bem, nós também vamos contar nossas histórias”, disse o médico, solene, fitando o companheiro de viagem tão grandalhão e tão desconcertado. “Mas você também tem de contar. Não há esperança alguma

de dormir, vamos passar a noite ouvindo histórias. Vamos começar.”

“Está falando comigo?” Ao levar sua xícara de café aos lábios, o empreiteiro interrompeu o gesto. “Sou um homem de negócios, não entendo nada além de negócios e coisas assim...”

“Sim, você também tem sua história”, disse o escritor com segurança.

O empreiteiro ficou algum tempo em silêncio, de cabeça baixa. Então disse: “Não tenho uma história para contar, mas conheço a história de outra pessoa — de um amigo...”.

“Muito bem, vamos ouvir a história dele.”

O empreiteiro tomou um gole de café e começou.